

# Fed dá sinal positivo para economia brasileira

Mensagem de Greenspan leva otimismo aos mercados; Bolsa vira e sobe 4,63%

FERNANDO DANTAS

**A**fala do chairman do Federal Reserve (Fed, banco central americano), Alan Greenspan, ao Congresso americano, ontem, teve um efeito positivo espetacular sobre os mercados financeiros dos Estados Unidos, do mundo e do Brasil. Greenspan deixou claro que a alta dos juros básicos americanos ainda vai demorar.

No Brasil, o impacto foi impressionante. O discurso começou no início da tarde no Brasil, e fez o risco Brasil cair de 531 pontos para 507, nível do fechamento. O C-Bond, principal título brasileiro negociado no exterior, que chegou a uma mínima de 96,4% do valor de face ao longo do dia, fechou em 98,2%. O dólar comercial, que era negociado a R\$ 2,93 (em alta em relação ao dia anterior) no início da tarde, antes do discurso de Greenspan, fechou em R\$ 2,907, em baixa de 0,48% ante o fechamento da terça-feira. O Índice da Bolsa de São Paulo (Ibovespa), saltou de pouco mais de 22 mil pontos, no início da tarde, para um encerramento a 23.197, em alta de 4,63% em relação ao dia anterior.

A mensagem de Greenspan foi a melhor possível: a economia americana está firmemente na rota do crescimento, mas não há sinais de aumento do risco de inflação. Isso decorre do crescimento da produtividade e do nível ainda relativamente alto (para os padrões americanos) do desemprego.

Com o risco inflacionário contido, a perspectiva é de que o Fed mantenha por mais tempo a baixíssima taxa de juro básica americana, que está em 1% ao ano. E, quando vier a aumentá-la, a probabilidade maior é de que o faça suavemente. O economista Paulo Leme, da Goldman Sachs, acha que a fala de Greenspan deixou claro que o Fed só deve elevar os juros no início de 2005.



Isso significa que a abundante liquidez internacional que vem prevalecendo desde 2003 ainda deve durar. O Brasil beneficia-se diretamente desta situação. Como as taxas de juros nos países desenvolvidos são muito baixas, os investidores procuram aplicações mais rentáveis e arriscadas, como os títulos de países emergentes.

O trecho crucial da fala de Greenspan ontem começa, aparentemente, com uma mensagem conservadora: "Mas a evidência indica claramente que uma política monetária como a atual não é compatível indefinidamente com a estabilidade de preços e o

crescimento sustentável; a taxa básica real vai acabar subindo para um nível mais neutro." Porém o presidente do Fed emendou este comentário em outro, que agradou em cheio aos mercados globais: "Contudo, com a inflação muito baixa e uma substancial capacidade ociosa na economia, o Federal Reserve pode ser paciente na

remoção da atual política mo-

**P**ARA PAULO  
LEME, JURO  
SÓ SOBE  
EM 2005

déntaria relaxada."

Segundo Andrei Spacov, economista do Unibanco, "é claro que esta visão pode mudar em 2 ou 3 meses; mas o que ela sinaliza agora é que o Fed está muito tranquilo com a inflação, mesmo considerando o crescimento (dos Estados Unidos)".

Spacov explicou que, ao derrubar a estrutura de juros americana (isto é, os juros para aplicações de diferentes prazos), o

discurso de Greenspan influenciou imediatamente a estrutura brasileira de juros no mercado externo. Isto ocorre porque os juros brasileiros são, na verdade, iguais aos americanos mais um

diferencial ('spread') de risco. A queda dos juros derruba o risco Brasil, o que por sua vez estimula a entrada de capitais externos no País, forçando a baixa do dólar e a alta da Bolsa, que subiu também acompanhando o mercado acionário americano e global. (colaborou Alaor Barbosa/AE)